

EUROPA ENTRE REGULAÇÕES E HESITAÇÕES: O dilema tecnológico que já não podemos adiar

■ **Autoria:** Bruno Castro, Fundador & CEO da VisionWare. Especialista em Cibersegurança e Análise Forense. ■

Enquanto os Estados Unidos avançam sem hesitações na integração da Inteligência Artificial (IA) nas suas estruturas militares, apoiados por parcerias diretas com gigantes tecnológicos, a Europa permanece num ciclo interminável de debates, regulamentos e intenções. Esta divergência, hoje gritante, está a transformar-se num risco estratégico real.

Do outro lado do Atlântico, a discussão deixou de ser académica: a IA aplicada à defesa tornou-se uma decisão política assumida. Em contraste, a Europa repete há anos a ambição de reduzir a dependência transatlântica e desenvolver capacidades industriais e tecnológicas próprias. Mas falar não é fazer, e o tempo urge.

A União Europeia tem anunciado fundos, planos de reindustrialização e iniciativas para estimular a inovação em defesa. O léxico europeu é impecável: autonomia estratégica, soberania digital, redução de dependências externas. Mas na prática, o continente continua preso a processos lentos, fragmentados e demasiado burocráticos. E o mundo não pára enquanto Bruxelas debate a redação final de mais uma diretiva.

Para agravar o cenário, a Europa depende ainda de forma profunda das infraestruturas, do software e do ecossistema tecnológico dos EUA e de outros aliados. Esta realidade expõe o continente a mudanças abruptas na política externa americana – que podem, a qualquer momento, divergir dos interesses estratégicos europeus.

Em paralelo, a instabilidade crescente no Médio Oriente e na fronteira leste da Europa torna essa vulnerabilidade ainda mais visível. Há uma verdade que custa admitir: a Europa ainda não conseguiu criar gigantes tecnológicos de defesa comparáveis aos americanos ou chineses. Existem start-ups promissoras, talento abundante e capital em circulação. O que falta é escala, coordenação e sobretudo rapidez.

Há uma verdade que custa admitir: a Europa ainda não conseguiu criar gigantes tecnológicos de defesa comparáveis aos americanos ou chineses. Existem start-ups promissoras, talento abundante e capital em circulação. O que falta é escala, coordenação e sobretudo rapidez.

Enquanto Washington decide em meses, ou semanas, como integrar IA em sistemas militares, a Europa perde-se em procedimentos de aquisição complexos, processos regulatórios intermináveis e discussões ideológicas que raramente se traduzem em capacidade operacional.

Não se defende aqui uma corrida armamentista nem a abdicação dos valores europeus. Pelo contrário. O que está em causa é perceber que não existe autonomia estratégica sem tecnologia própria e sem empresas su-

ficientemente fortes para resistir a pressões políticas externas. Soberania não se declara: constrói-se.

Precisamos de um ecossistema empresarial capaz de colaborar com governos com responsabilidade e sem servilismo, apto para dizer “sim” à inovação militar responsável e “não” quando são ultrapassadas linhas éticas fundamentais. Porque autonomia não é apenas produzir tecnologia: é garantir que essa tecnologia está alinhada com os valores europeus, e controlada pela Europa.

A questão decisiva não é se devemos investir mais em defesa tecnológica, mas se somos capazes de o fazer com a urgência que o momento exige. A próxima década definirá quem controla as ferramentas que moldarão segurança, influência e poder no século XXI.

A Europa tem de escolher o seu papel: protagonista ou cliente. O que já não pode é continuar a fingir que consegue ser os dois.

 VisionWare

Rua Honório de Lima, 180 · 4200-322 Porto
+351 225 323 740 | visionware.pt

